

O Presépio de D/Ramón

The Nativity Scene da D/Ramón

Fernando de Tacca ¹

<http://lattes.cnpq.br/1170068674995799>

<https://orcid.org/0000-0002-8998-4266>

fernandodetacca@gmail.com

¹ -Fernando de Tacca é fotógrafo e Livre Docente pela Unicamp. Criador e editor da Revista Studium (2000–2019). Bolsa Vitae de Artes 2002; Prêmio Pierre Verger de Fotografia 2004 — ABA; Prêmio Zeferino Vaz de Reconhecimento Acadêmico — Unicamp/2006; Prêmio Nacional de Fotografia Marc Ferrez 1984/2010/2014. Professor Visitante na Universidad de Buenos Aires/2004 e na Osaka of Foreign Studies University — Japão/1995/1997. Pós-doutorado na Universidad Complutense de Madrid/2011 e na Universidad de Zaragoza/2019 (Bolsas FAPESP). Autor dos livros: A Imagética da Comissão Rondon (Papirus/2001); Imagens do Sagrado (Ed. Unicamp/IMESP/2009); Souvenirs (Ed. Unicamp/2015); Colecionadores Privados de Fotografia no Brasil (Intermeios/2015); Imagens Improváveis (Editora da Unicamp/2023).



Resumo: O artigo é uma fotoetnografia (ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson; 1997), na qual a série de fotografias e o texto são interligados como uma aproximação da vivência e sobrevivência de um imigrante africano na Espanha. O artigo e as fotos buscam detectar a sua vontade explícita de criar elos para uma integração com os signos da sociedade ao seu redor e seus valores tradicionais.

Palavras-chave: fotoetnografia; Espanha; imigração;

Abstract: *The article is a photoethnography (ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson; 1997), in which the series of photographs and the text are interconnected as an approximation of the experience and survival of an African immigrant in Spain. The article and photos seek to detect his explicit desire to create links for integration with the signs of the society around him and his own traditional values.*

Keywords: *photoethnography; Spain; imigration.*

Dramón vive sob a ponte Reina Victoria, também conhecida como *Puente de la Reina*, sobre o rio Manzanares, entre as ruas Aniceto Marinas na *La Ribera del Manzanares*, em Madrid. Originário da Costa do Marfim, na costa ocidental da África, Ramón, como gosta que lhe chamem, assumiu um nome espanhol, uma identidade funcional e ilusória, assim pede sempre que lhe chamem por seu nome espanhol. O paradoxo de seu nome já indica uma relação de fronteira identitária, entre Dramón e Ramón.

Chegou na Espanha a mais de 11 anos e, há um ano e meio vive sob uma ponte histórica. Após todos esse tempo na Espanha ainda não tem papéis legais. A ribeira do Manzanares recebeu da última prefeita de Madrid entre 2015 e 2019, Manuela Carmena, uma atenção especial, pois era um conjunto de represas que foram abertas para que o rio retomasse seu leito natural, e assim flora e uma fauna resurgiram e passaram a habitar esse meio ambiente. Muitos pássaros e árvores reapareceram e, às vezes podemos ver grandes peixes no esforço de subir com dificuldades o rio, que é muito raso e com pouco volume de água. Um dito popular afirma que uma vez, foi dado a um poeta um copo de água do rio para ele beber, ele o fez, mas bebeu metade e retornou o restante no rio, afirmando que o rio necessitava mais do que ele a própria água.

Para quem circula pelo passeio ao lado do rio e passa por debaixo da ponte defronta-se com um lugar um tanto escuro, muito úmido, e é preciso abaixar um pouco a cabeça para não bater na estrutura da ponte (muitos preferem dar a volta pela parte de cima). Para os mais atentos foi e é possível ver que a casa de D/Ramón é uma mutação constante, construída aos poucos pelos resíduos urbanos que encontrava, e assim, partes de outras casas de Madrid foram fechando seu lugar, seu canto no mundo, ou seu lugar acolhedor, como diria Bachelard. Sem eletricidade e sem água, mesmo com o rio ao seu lado, e se aquecendo com carvão, D/Ramón migrou de seu país de origem para um país europeu e vive quase nas mesmas condições anteriores; entretanto, em seu país de origem tinha eletricidade e fonte de água limpa; ali onde vive, o rio Manzanares não lhe permite acesso ao precioso líquido. Uma vez lhe perguntei se queria alguma ajuda, se poderia lhe dar alimentos, mas ele disse que ele tem lugar onde comer, o que diferencia de sua vida anterior, e disse que precisava de um botijão de gás para os duros dias de inverno. Um diálogo difícil, pois D/Ramón é muito desconfiado e reservado.



PUENTE DE LA REINA VICTORIA, EN MADRID

Puente Reina Victoria Eugenia (desenho de José Eugenio Ribera, 1910)

Muito perto dele, a poucos metros, está a Ermita Santo Antonio da Florida, pintada por Goya em 1798 e onde jaz os restos mortais do próprio artista, um espaço do patrimônio nacional. A ponte recebeu o nome da esposa do rei Afonso XIII, rainha Victoria Eugenia, bisavós do atual rei. Afonso XIII ficou conhecido como último rei antes da II República, antes da trágica guerra civil que ainda paira como nuvem negra sobre a Espanha. Detalhe da história espanhola: tal rei também foi muito conhecido por sua coleção de filmes pornográficos, os quais, segundo os historiadores, ele tinha participação ativa como promotor, escolha de personagens, roteiros, e eram projetadas para sua corte mais próxima.

D/Ramón também vive a poucos metros do lugar dos trágicos acontecimentos e fuzilamentos de espanhóis que resistiram à invasão napoleônica pelos em maio de 1808. Esse acontecimento foi eternizado por Goya em dois quadros famosos e paradigmáticos, e hoje o quadro *“El tres de Mayo”* (ou também conhecido como *“Los fusilamientos de Príncipe Pío”*), está pintado ao lado da ponte. D/Ramón vive há somente uns 2.000 metros do Palácio Real, referência do Reino de Espanha.

Tendo sua vida e o seu cotidiano invisibilizados, como tantos outros seres humanos, Dramón segue sua rotina. Poucos percebem seu presépio: um ato criativo e simbólico de sua vivência, um lugar de signos apreendidos, superpostos e com diálogos entre si talvez pouco compreensíveis para um passante inadvertido. Aí estão os clássicos santos dos presépios e sua ordenação, junto com outros elementos, como um celular de brinquedo, uma escada sempre por perto, um abajur sem tomada e sem lâmpada, dois espelhos e dois manequins, entre outros objetos. Alguns desses objetos nos parecem ter presença signífica efetiva, como o celular, talvez como uma falta de comunicação com a distância dos seus entes ou familiares na Costa do Marfim, ou com os próprios passantes. Uma escada que pode simbolizar uma ideia de subir para a parte superior da ponte, onde passam as pessoas ordinárias, ou um abajur como signo da falta de eletricidade e ao mesmo tempo “iluminando” o presépio. Muitas imagens são justapostas em constante movimento e substituição já que sofrem o deterioro das intempéries. E, sendo ao ar livre, D/Ramón desmonta-o e monta-o muitas vezes depois de chuvas e muitas folhas e dos ramos de árvores que o sujam. Seu presépio deita-se sobre uma um tapete vermelho, dando-lhe nobreza e dignidade. Entre as imagens destacam-se as referências aos reis da Espanha e muitas imagens religiosas, convivendo com outras de natureza — uma natureza perdida e distante; e algumas enigmáticas, como uma reprodução de uma obra de Botero. Essas imagens da realeza e do catolicismo transparece como uma projeção para a própria sociedade espanhola, que Ramón muito bem identificou, e uma tentativa de demonstrar seu genuíno interesse de querer fazer parte deste mundo ao seu redor. Algumas vezes, uma pequena bandeira da Espanha tremula na sua porta, outra afirmação de sua vontade de integração; uma efetiva demonstração de ilusão, ou sonho idealizado, no sentido espanhol do conceito (*“ilusión”*).

As últimas fotos foram realizadas um dia antes da histórica nevasca que assombrou Madrid, no dia 10 de janeiro de 2021. Enquanto eu fotografava o presépio imerso na neve D/Ramón chegou sem eu perceber e me cumprimentou mais simpático que outras vezes, perguntei-lhe sobre o frio, principalmente se sabia que nessa madrugada a temperatura seria de menos dez graus, e ele me disse que o carvão que trazia em suas mãos lhe esquentaria, e que não iria para um abrigo. Perguntei-lhe sobre a bandeira, ele disse que sempre estava por aí, mas às vezes caía, ela a recolocava no lugar e estava buscando uma maior. Em uma das minhas passagens pelo lado de cima da ponte, depois da nevasca, pude ver D/Ramón, sozinho, sem

máscaras, já que viviam quase ao ar livre durante a pandemia, observando o rio, e talvez ele seja um dos poucos que já viu por aí um martim pescador.

D/Ramón fala bem francês, tem uma memória oral muito enraizada. Caminha pela cidade e pelos caminhos ao lado do rio Manzanares; conhece muito bem o território. Vive ao lado da história espanhola, sendo, um dia remoto talvez incorporado à sociedade, ou seja, como uma condição de existência ou mesmo de sobrevivência. Na área central de seu presépio destaca-se um círculo de pessoas de mãos dadas em dança ritualística, algo muito distante das tradições cristãs, e onde se alimenta seu possível inconsciente coletivo, um lugar de animista para uma permissividade de vivência como uma projeção de um estado de sincretismo simbólico entre dois mundos distantes. D/Ramón é um imigrante resistente e vive uma luta diária de sobrevivência aliada a uma vontade explícita de pertencimento, que ele persegue, mas que talvez seja um sonho quase impossível.

Nota final

Este artigo foi finalizado em janeiro de 2021. Depois desta data encontrei-me muitas vezes com D/Ramón quando passava por sua casa ou quando nos cruzávamos pelas ruas do bairro, geralmente na parte da manhã. Talvez estivesse a caminho de sua sobrevivência cotidiana, e uma vez o vi tomando conta de carros perto da praça onde fica o Templo de Deblod, era sua atividade rotineira. Depois de mudar de Madrid, em junho de 2023, me passaram uma informação do Facebook no dia 05 de outubro do mesmo ano, de uma pessoa moradora do bairro (Angeles Neira Pereira) e que participa de um grupo de vizinhos (*“Yo crecí en la Colonia del Manzanares”*), e a nota dizia o seguinte:

“Hoy por la mañana, han desalojado a los chicos de Costa de Marfin del Puente de la Reina...Fue indignante...Cortaran la calle del Puente para que no pudiera aparcar, se trajeran 4 Samur, 4 automóviles de la Policía Nacional y coches de Selur. Sus cosas, de las llevó el camión de la limpieza y desmontaronlo que había sido su hogar estos años. No vimos tanto despliegue para ayurdarles en su día a día o para tentar integrarles...Esperemos que nunca nos encontremos al otro lado de la historia”.

Já fora de Madrid, pedi a um amigo para fazer uma foto depois da expulsão de Dramón de sua casa:



Foto atualmente depois da expulsão de D/Ramón (Foto de Iñaki do Campo, 2023)















